

*Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho
Clayton Robson Moreira da Silva
(Organizadores)*

 **Atena**
Editora
Ano 2020

***Educação
Profissional e
Tecnológica:
Empreendedorismo
e Desenvolvimento Científico***

*Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho
Clayton Robson Moreira da Silva
(Organizadores)*

Atena
Editora
Ano 2020

***Educação
Profissional e
Tecnológica:
Empreendedorismo
e Desenvolvimento Científico***

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

- Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

- Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Tais Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Educação profissional e tecnológica: empreendedorismo e desenvolvimento científico

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Karine de Lima Wisniewski
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadores: Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho
Clayton Robson Moreira da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

E24 Educação profissional e tecnológica [recurso eletrônico] : empreendedorismo e desenvolvimento científico / Organizadores Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho, Clayton Robson Moreira da Silva. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-294-4

DOI 10.22533/at.ed.944202708

1. Administração. 2. Empreendedorismo. 3. Inovações tecnológicas. I. Carvalho, Thatianny Jasmine Castro Martins de Il.Silva, Clayton Robson Moreira da.

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O livro “Educação Profissional e Tecnológica: Empreendedorismo e Desenvolvimento Científico”, publicado pela Editora Atena, reúne e articula, de forma interdisciplinar, dezesseis capítulos que contribuem para a divulgação científica na área de Educação Profissional e Tecnológica, por diversas matizes teórico-metodológicas.

A primeira metade do livro traz contribuições em torno da grande área da Educação, com os quatro capítulos iniciais articulados pelas experiências formativas de Educação Profissional em diferentes IES. Essa discussão carrega significativa relevância científica e social, uma vez que permite ao leitor a imersão nas práticas de Educação Profissional e Tecnológica, sob múltiplas referências e em diferentes espacialidades, possibilitando a ampliação e a reconstrução desse campo científico.

Os capítulos que seguem refletem acerca de Modalidades de Ensino, Currículo, sociabilidades e experiências de Ensino, Pesquisa e Extensão no âmbito da Educação Profissional e Tecnológica, que, não obstante, formulam, na diversidade das possibilidades investigativas, a ampliação dos olhares, leituras e compreensões. Os textos dialogam entre si ou se complementam, quando, por exemplo, na revelação das práticas docentes pode-se traçar pontos convergentes e/ou divergentes entre as realidades em estudo e, até mesmo, construir percepções mais densas e abrangentes.

Os textos finais desta produção trazem abordagens que ensejam reflexões sobre o trabalho, seus desafios e as consequências psicossociais no tocante ao desenvolvimento científico. Historicamente, a Educação Profissional e Tecnológica vem emergindo como um meio para a profissionalização do trabalho e um instrumento transformador de inclusão e empoderamento.

Portanto, a grandeza desta obra está nas confluências interdisciplinares que os textos veiculam, de modo que este livro agrega à grande área da Educação um material rico e diversificado, possibilitando a ampliação do debate acadêmico e conduzindo docentes, pesquisadores, estudantes, gestores educacionais e demais profissionais à reflexão sobre os diferentes temas que se desenvolvem no âmbito da Educação Profissional e Tecnológica. Finalmente, agradecemos aos autores pelo empenho e dedicação, que possibilitaram a construção dessa obra de excelência, e esperamos que este livro possa ser útil àqueles que desejam ampliar seus conhecimentos sobre os temas abordados.

Boa leitura!

Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho
Clayton Robson Moreira da Silva

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A FORMAÇÃO PEDAGÓGICA EM SERVIÇO DE DOCENTES BACHARÉIS E TECNÓLOGOS NO INSTITUTO FEDERAL DO CEARÁ: ENTRE O DITO E O VIVIDO

Hobson Almeida Cruz
Ana Cláudia Uchôa Araújo
Armênia Chaves Fernandes Vieira
Erica de Lima Gallindo
Jarbiani Sucupira Alves de Castro

DOI 10.22533/at.ed.9442027081

CAPÍTULO 2..... 14

A TRAJETÓRIA DA INCUBADORA TECNOLÓGICA DE EMPREENDIMENTOS POPULARES E SOLIDÁRIOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI: UMA AVALIAÇÃO EM PROCESSO

Victoria Régia Arrais de Paiva
Gil Célio de Castro Cardoso

DOI 10.22533/at.ed.9442027082

CAPÍTULO 3..... 27

O PERFIL DOS ALUNOS DO PROEJA: SENTIDOS E SIGNIFICADOS DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Carolina Coimbra de Carvalho
Andréia Carolina Severo Lima
Natannael Castro Vilhena

DOI 10.22533/at.ed.9442027083

CAPÍTULO 4..... 41

NARRATIVAS SOBRE A INTERNET DE LÁBREA-AM: FUNDAMENTOS E DESAFIOS ACERCA DOS SERVIÇOS (IN)DISPONIBILIZADOS

Antonio Paulino dos Santos
Antônia Leuda Campos de Farias
Laís de Souza Silva
Maria Eduarda Souza de Lima

DOI 10.22533/at.ed.9442027084

CAPÍTULO 5..... 59

UM OLHAR SOBRE A SOCIALIZAÇÃO TARDIA NA GRADUAÇÃO

Jennifer Juliana Barreto Bezerra Costa
Adir Luiz Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.9442027085

CAPÍTULO 6..... 72

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA – ANÁLISE DOS DESAFIOS FUTUROS

Adelcio Machado dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.9442027086

CAPÍTULO 7	86
A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO RELACIONADA A EDUCAÇÃO ESPECIAL NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA	
Gabriela Brutti Lehnhart	
Sabrina Fernandes de Castro	
DOI 10.22533/at.ed.9442027087	
CAPÍTULO 8	95
EDUCAÇÃO PELO TRABALHO EM SAÚDE: FORMAÇÃO PROFISSIONAL E CURRÍCULO ORIENTADO PELAS DCNS EM SAÚDE E PNEPS	
Liliádia da Silva Oliveira Barreto	
Mario Roberto Dal Poz	
DOI 10.22533/at.ed.9442027088	
CAPÍTULO 9	106
O USO DAS TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS COMO APOIO AO ENSINO: ESTUDO DE CASO	
Anna Cristina Barbosa Dias de Carvalho	
Elaine Cristina de Sousa Luiz	
DOI 10.22533/at.ed.9442027089	
CAPÍTULO 10	114
AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR NO BRASIL – ABORDAGEM HISTÓRICA	
Adelcio Machado dos Santos	
Alisson André Escher	
DOI 10.22533/at.ed.94420270810	
CAPÍTULO 11	124
O USO DE SÉRIES COMO APOIO AO ENSINO: ESTUDO DE CASO	
Anna Cristina Barbosa Dias de Carvalho	
Elaine Cristina de Sousa Luiz	
DOI 10.22533/at.ed.94420270811	
CAPÍTULO 12	136
A EXPERIÊNCIA DO NÚCLEO DE ESTUDOS FILOSÓFICOS DO IFPA CAMPUS ÓBIDOS - NEFIL DISCUTINDO A IMPORTÂNCIA DA FILOSOFIA NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA	
Erika Viana de Sena	
DOI 10.22533/at.ed.94420270812	
CAPÍTULO 13	139
VAREJO COMO IMPULSIONADOR DO CRESCIMENTO DAS VENDAS: UM MAPEAMENTO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA	
Cleide Ane Barbosa da Cruz	
Évelin Santos da Palma	
Joselaine Santos Lima	
Lívia de Jesus Santos	

Cleide Mara Barbosa da Cruz
Cleo Clayton Santos Silva
Nadja Rosele Alves Batista
Anderson Rosa da Silva

DOI 10.22533/at.ed.94420270813

CAPÍTULO 14..... 155

A IMPORTÂNCIA DA CONSULTORIA CONTÁBIL COMO FORMA DE REDUÇÃO DA ASSIMETRIA DA INFORMAÇÃO NAS MICROEMPRESAS

Flaviano Ferreira de Araújo
Francisco José Viana de Souza
Jean Carlos Santos Araújo
José Antônio De Carvalho Sobrinho
Lidiane da Costa Reis Lima
Tamires Almeida Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.94420270814

CAPÍTULO 15..... 164

GOVERNO ULTRALIBERAL: DOMINÂNCIA EXTERNA, DESMONTE DO ESTADO E PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO - IMPOSIÇÃO DO CONSENSO DE WASHINGTON

André de Souza Gomes
Paulo Elson Fernandes Gadelha
Thisciane Ferreira Pinto Gomes
Samilla Ferreira Dantas

DOI 10.22533/at.ed.94420270815

CAPÍTULO 16..... 173

SÍNDROME DE BURNOUT, QUALIDADE DO SONO E DE VIDA DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE INTENSIVISTAS: REVISÃO INTEGRATIVA

José Wennas Alves Bezerra
Celina Araújo Veras
Maylla Salete Rocha Santos Chaves
Gleison Vitor Ferreira de Castro da Silva
Paulo Gabriel Leal Gonçalves
Gustavo Ribeiro Palmeira
André Rodrigues Carvalho
Talyta da Silva Guimarães
Jederson Valentim Silva
Antonia Mariane de Sousa Pereira
Maria Santa Oliveira Sousa
Haynara Hayara Mágulas Penha

DOI 10.22533/at.ed.94420270816

SOBRE OS ORGANIZADORES 180

ÍNDICE REMISSIVO 181

UM OLHAR SOBRE A SOCIALIZAÇÃO TARDIA NA GRADUAÇÃO

Data de aceite: 19/08/2020

Jennifer Juliana Barreto Bezerra Costa

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Centro de Educação (CE)
Natal - RN
<http://lattes.cnpq.br/0325994573760828>

Adir Luiz Ferreira

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Centro de Educação (CE)
Natal - RN
<http://lattes.cnpq.br/0341824719316863>

RESUMO: A partir de uma experiência de socialização no curso de Pedagogia, o presente artigo tem como objetivo fazer uma análise sobre os meus próprios momentos de interação, principalmente nas relações com a minha turma, além de estratégias e razões que foram fundamentais para a minha permanência no curso. A fim de atingir esse objetivo, foi realizada com uma abordagem da sociobiografia, definida como a escrita sobre a experiência de si mesmo junto com outros significantes, pela sociologia interacionista de Mead (1934), relacionando-a com as referências sociais de ancoragem histórica. A partir dessa sociobiografia, e a partir da leitura de autores como Ferreira (2014), e da visão da etnometodologia de Coulon (2008) e Paivandi (2014), foi possível refletir sobre a minha formação e sobre o *meu Eu*. Nesse contexto, foi perceptível que a socialização é de fato importante para um bom desenvolvimento no ambiente universitário, porém, não determinante. Sendo assim, essa experiência de socialização abre portas para a discussão sobre a socialização no ambiente universitários, seus impactos e as formas de estratégias para lidar com esse novo ambiente estranho.

PALAVRAS-CHAVE: Socialização universitária. Sociobiografia. Ensino Superior.

A VIEW AT LATE SOCIALIZATION IN GRADUATION

ABSTRACT: Based on a socialization experience during the pedagogy course, this article aims to realize an analysis over my own interactions, mostly with my classmates. And share strategies and motivations which were also crucial to the conclusion of my graduation. To achieve the objective, a sociobiography approach was made, defined as the write about the itself experience with significant others, from the Mead (1934) interactionism sociology, and reported with social references as historical anchorage. From this sociobiography and readings, such as *Ferreira* (2014), and the ethnomethodoly view of *Coulon* (2008) and *Paivandi* (2014), it was possible to realize a self-reflection and a reflection about my development during graduation. In this context, it was noticeable that the socialization is, in fact, particularly important to a proper development in a college environment, although, it is not determinant. Thus, this social experience open doors to a discussion about the socialization in the university environment, the impacts, and the strategies to handle with this new strange atmosphere.

KEYWORDS: University socialization. Sociobiography. Ethnomethodoly. University education.

1 | INTRODUÇÃO

Durante o meu percurso no Ensino Superior, entre os anos de 2014 e 2018, tive a oportunidade, a partir de diversas leituras, de elaborar um significado para socialização, que seria inicialmente a capacidade do indivíduo em se integrar ao grupo em que nasceu, absorvendo o conjunto de hábitos característicos daquele grupo. Como acontece na sociedade contemporânea, essa integração ao meio social inclui, desde os seus primeiros anos, a experiência escolar que as pessoas vão adquirindo. Esse é um campo igualmente fundamental para orientar e desenvolver o processo de socialização.

Para Ferreira (2004, p. 14), um dos aspectos da socialização ligados à escolaridade é: “a possibilidade de obtermos reconhecimento público a partir de nossa educação pessoal, isto é, o conjunto de saberes e conhecimentos que aprendemos e que nos foram ensinados”. Corroborando com Ferreira (2014), para Paivandi (2014, p. 50), especialmente na perspectiva da vida acadêmica, a socialização é:

[...] um processo que permite ao estudante se apropriar do papel dos outros e de construir assim seu “Eu” enquanto estudante. Levar em consideração o papel do outro remete ao processo de adaptação mútua, de apropriação recíproca dos papéis que se realizam nas interações visíveis e invisíveis do ambiente universitário. Esse processo de adaptação permite a interiorização de atitudes, de dispositivos, de valores, de crenças e de expectativas

Partindo disso, o presente trabalho teve com uma das principais motivações a participação como bolsista de Iniciação Científica na UFRN. Além da base de pesquisa, outro ponto que me motivou na escolha do tema foi a minha própria vivência dentro do Curso de Pedagogia e, como eu percebi, ao longo das leituras, o quanto eu me identificava com a temática da Socialização Acadêmica, bem como a sensação de não me encaixar por completo nas discussões sobre a socialização no Ensino Superior.

Além da justificativa pessoal para a escolha da temática, acredito que, socialmente, em tempos de expansão do Ensino Superior, a necessidade em se estudar esse campo em uma crescente expansão se faz necessário, visto que entender o espaço íntimo dos indivíduos em ambientes mais coletivos, como a Universidade, é de extrema importância para que assim, possamos entender de outra ótica o que é o Ensino Superior.

Em correlação com esse aspecto social, no âmbito acadêmico, estudar sobre o Ensino Superior se faz necessário, visto que são poucas as pesquisas que consideram sociologicamente as perspectivas subjetivas, isto é, visões e relatos próprios de cada sujeito sobre as suas experiências cotidianas na vida coletiva, grupal e comunitária. E quando essas pesquisas são realizadas, não são tão valorizadas. Além disso, o resgate dessas perspectivas pessoais contribui diretamente para uma área ainda pouco estudada: os significados e sentidos atribuídos pelos próprios estudantes à vida acadêmica no ambiente universitário.

Nessa ótica, o presente artigo tem como objetivo descrever e realizar uma autoanálise acerca do meu percurso de socialização durante a graduação no curso presencial de Pedagogia na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Para a realização deste artigo, utilizarei como um dos suportes conceituais a noção da sociobiografia, que, para Ferreira (2006), seria a escrita sobre a experiência de si mesmo, juntamente com as experiências com os “outros significantes” e as referências sociais de ancoragem. Essas experiências com “outros significantes” expressa a ideia de pessoas que têm importância crítica e emocional em nossas vidas, como familiares e amigos íntimos.

Ao longo deste relato sociobiográfico, trarei a análise sobre os meus próprios momentos de socialização, principalmente nas relações, ou a falta delas, com a minha turma, além de estratégias e razões que me motivaram a permanecer e a concluir o curso. Além disso, trarei autores para fundamentar a minha história acadêmica, que tratam sobre a temática da socialização no Ensino Superior, como Ferreira (2014), e, com a visão da etnometodologia, significando as estratégias adotadas pelos sujeitos no desenvolvimento da vida social cotidiana, Coulon (2008) e Paivandi (2014).

2 | UMA EXPERIÊNCIA AO LONGO DA VIDA ESTUDANTIL

2.1 Educação Básica - uma trajetória memorável

Realizando a revisão bibliográfica para a produção desta sociobiografia, descobri que o início da socialização de uma pessoa ocorre quando ainda somos crianças, com a nossa família, em nossa casa. Dessa forma, há dois tipos de socialização, segundo a clássica proposição de Berger e Luckmann (1985), a socialização primária e a secundária. A primária é considerada a primeira socialização que o indivíduo conhece na infância, tornando-se membro da sociedade. Já a socialização secundária é qualquer processo que ocorre depois que introduz um indivíduo já socializado em novos setores do mundo objetivo de sua sociedade.

Dessa forma, na socialização primária, os “outros significativos” são impostos pelo contexto, uma vez que que nascemos em uma estrutura social objetiva, na qual há outros significativos que são responsáveis por nossa socialização. Esses “outros significativos” são normalmente os membros da família e as pessoas ao nosso redor. Porém, mesmo que nessa fase primária nós tenhamos que aprender os elementos culturais da sociedade em que vivemos, nós também começamos a formar a nossa identidade própria. De acordo com Turner (1999), a partir do momento em que nascemos, já nos encontramos em uma estrutura social que vai nos impor uma configuração cultural, na qual é necessário interagir e se relacionar com outros.

Além disso, é a socialização primária a responsável pelo primeiro processo educacional do indivíduo. Pensando nisso, a primeira educação que recebi foi vinda dos meus pais. A questão das primeiras palavras, de como agir em certas situações, como

por exemplo, não chorar quando me negarem algo. E vendo pela perspectiva de Berger e Luckmann, eu realmente aprendi os elementos culturais da sociedade em que vivo, mas também criei a minha própria identidade, o que me preparou para o início da minha vida escolar.

Após o início da minha socialização primária, fui para a minha primeira escola, o Núcleo de Educação da Infância (NEI), na qual estudei toda a Educação Infantil. Acredito que seria bastante enriquecedor para o trabalho se eu relatasse sobre essa escola, por ser considerada uma “escola modelo”, mas tenho que ser sincera, eu não lembro de quase nada. Lembro-me de gostar bastante do espaço físico, como a biblioteca, que eu achava enorme e que na minha cabeça havia inúmeros livros da Bruxa Onilda; e a brinquedoteca, que eu achava o local mais incrível da escola, pois nela, eu poderia ser quem eu quisesse com os mais diversos espaços para aprender e socializar com meus colegas.

Depois da Educação Infantil, quando eu posso imaginar que já devia estar um pouco mais madura, com seis ou sete anos, troquei de escola e fui para uma, que hoje sei, tinha uma pedagogia semelhante à minha anterior, a Escola Freinet. Essa pedagogia, considerada uma pedagogia ativa¹, tem a intenção de possibilitar que o aluno seja ator de sua história e com isso consiga agir de forma responsável e coletiva. Nela, o aluno está sempre aprendendo dentro de um processo de construção do conhecimento que nunca se acaba, enriquecendo-se com as experiências cotidianas.

Nela, fiz amizades que permanecem até hoje. A escola tinha como principal objetivo promover a liberdade de expressão e cooperação. Com esses dois pilares, eu me sentia muito à vontade para me expressar e fazer amigos. Para Matos (2012), nessa idade, visto como o estágio de operações concretas, segundo as teorias de Piaget, há um progresso na questão da socialização da criança, o que faz com que aumente os seus vínculos afetivos, além das relações de amizade e confiança. Então eu era aquela aluna que adorava conversar com toda a comunidade escolar, tanto aluno, professor e até mesmo o porteiro da escola.

Permaneci na escola por aproximadamente dez anos, e posso dizer que a pessoa que sou hoje deve muito a essa experiência e lugar. Em 2011 tive que ir para uma escola na qual a pedagogia não era em nada semelhante com a anterior, e onde eu não conhecia ninguém. Diante disso, essas mudanças de escola podem ser classificadas em três ritos de passagens, de acordo com Corsaro e Molinari (2005), sendo o primeiro intitulado de *separação*, entre o último ano da escola e o início do Ensino Superior; o segundo, intitulado de *incorporação*, que seria incorporar a cultura da nova escola; e o terceiro, que seria um processo de passagem entre os dois primeiros ritos.

Diante disso, eu passei tanto pelo rito de passagem de separação, por ter que trocar de escola por ser o último ano oferecido pela instituição e pelo rito de passagem de ter que

¹ Pedagogia que tem como principal característica a inserção do aluno, sendo ele o principal agente responsável pela aprendizagem

incorporar a cultura da nova escola. Eu me esforcei para incorporar a nova cultura, mas ela ia contra tudo que eu havia aprendido ao longo dos meus últimos dez anos.

Como dito anteriormente, no Ensino Fundamental estudei em uma escola que pôde me proporcionar momentos que foram fundamentais em minha vida, tanto pessoal quanto acadêmica. Pude desenvolver de fato os valores da cooperação, solidariedade, livre expressão, cidadania, valores esses que pude levar comigo, mas que, infelizmente, nem sempre eram “bem vistos” nas instituições de ensino seguintes.

A minha transição do Ensino Fundamental para o Ensino Médio foi bastante conturbada, sendo essa uma passagem crítica na carreira escolar, muitas vezes deixando marcas traumáticas nos estudantes, pois, para Ferreira (2014), os estudantes chegam socializados de acordo com a educação escolar anterior, e foi exatamente o que aconteceu comigo. Eu estava familiarizada a uma escola onde o seu principal pilar era a cooperação e cai de paraquedas em uma escola onde o seu principal pilar era estudar e tirar boas notas, para que assim pudéssemos nos destacar no Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM).

Normalmente, de acordo com a própria disposição da sociabilidade do ser humano e com o desenvolvimento psíquico das pessoas, é considerado um movimento estruturante a busca de iniciar e manter relações de amizade, ou seja, ter um grupo estável de amigos, configurando-se esse processo como parte de fundamental importância na socialização. Contrariando essa tendência na socialização, na minha situação particular passei três anos em uma escola onde não tive muitos amigos. Mas foram essas poucas amizades que me fizeram ter forças para sobreviver a esses três anos que me pareceram massacrantes, devido às semanas de provas, advertências, intolerância etc. No ano de 2014, entrei enfim na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

2.2 Ensino Superior: uma questão de sobrevivência

Sobrevivência. SO-BRE-VI-VÊN-CI-A. Substantivo feminino. Ato ou efeito de sobreviver, de continuar a viver ou a existir (Michaelis, 2015). Sobrevivência parece uma palavra forte para ser utilizada, certo? Mas não é. Sobreviver no Ensino Superior depende de vários fatores, como o seu engajamento cognitivo e social no ambiente universitário. Para Ferreira (2014, p. 118):

A sobrevivência acadêmica dos estudantes, de fato, depende do seu engajamento cognitivo e social no meio ambiente universitário, com a construção de estratégias de aprendizagem e com investimento em processos de socialização, efetivamente orientados mais por relações sociais, pessoais e coletivas, do que institucionais.

Partindo disso, no ano de 2014 eu ingressei na UFRN e não pude conter a emoção. Eu estava finalmente saindo do Ensino Médio e ingressando no Ensino Superior! Com a aprovação, na minha cabeça, acabariam as pressões (por parte dos meus pais e até mesmo da sociedade). Porém, no momento que algumas preocupações pareciam acabar, outras novas começavam.

O ingresso no Ensino Superior, de uma forma inevitável, faz com que haja uma transformação nas redes de amizades. Nesse momentos, percebemos que os colegas não são mais os mesmos da etapa de ensino anterior, o que nos leva à tentativa de se estabelecer novos vínculos de amizades e, enquanto esses vínculos não são estabelecidos, “o jovem conta apenas com seus próprios recursos psicológicos e o apoio das redes formadas anteriormente (TEIXEIRA et al., 2008, p.2)”. Porém, mesmo os colegas não sendo mais os mesmos, os poucos amigos que fiz fora do ambiente universitário foram muito importantes, pois, com o apoio deles, eu consegui enfrentar situações que sem os seus conselhos, eu não conseguiria ir adiante.

Com a participação como bolsista de Iniciação Científica, estudar sobre socialização acadêmica me fez entender o meu próprio processo de socialização, bem como a transição de um nível para o outro, como do Ensino Médio para o Ensino Superior. De acordo com Coulon (2008), para muitos estudantes, a transição do Ensino Médio para o Ensino Superior é marcada por diversas rupturas simultâneas, como: nas condições de existências, que pode gerar ansiedade e comportamentos que podem favorecer o fracasso; uma ruptura psicopedagógica, no qual a relação com o professor no Ensino Superior é reduzida, levando em consideração a intensidade do acompanhamento dos professores no Ensino Médio.

Pensando nisso, confesso que em meu período de transição sofri impactos, mas conscientemente só consegui identificá-los posteriormente. Lembro-me que essa transição resultou em grandes crises de ansiedade, crises com as quais, no sentido de um contínuo controle emocional, eu continuo tendo que administrar até hoje. Prazos, cobranças, provas, trabalhos em grupo. Tudo isso continua gera um estresse e acaba interferindo nas minhas emoções cotidianas como estudante.

Além disso, outra ruptura notável foi na dimensão psicopedagógica. No Ensino Médio, os professores parecem, de certa forma, se preocuparem mais com os alunos. Já no Ensino Superior, geralmente, há uma distância entre o professor e o estudante. Muitos professores não sabem nem que já fomos seus alunos, quem dirá saber nosso nome. Porém, mesmo havendo rupturas significativas nesse meu processo de transição, acredito que elas, de certa forma, não favoreceram o meu fracasso, mas sim, me motivaram a continuar.

Após ingressar na UFRN, como todo estudante, de acordo com Alain Coulon (2008), passei nos primeiros meses pelas três fases de adaptação à Universidade. Na primeira fase, a de *estranhamento*, há uma separação com o passado familiar e percebemos que estar na faculdade não é semelhante a se estar no Ensino Médio. Os amigos não são os mesmos, as formas de avaliação também não. Tudo muda.

Já na segunda fase, a de *tempo de aprendizagem*, acredito que tenha sido a minha fase mais longa. Nela, senti inseguranças, dúvidas se eu realmente queria estar ali, com essas pessoas, com essa turma. Não obstante, para mim, a construção de amizades dentro da universidade passou a não ter um peso maior do que o desejo de obtenção de um diploma. E foi nesse momento que me senti preparada para a terceira fase, a fase do *tempo de afiliação*. Nessa fase, eu já não era mais uma caloura. Minhas inseguranças sobre a permanência no curso haviam passado e eu poderia agora me considerar uma veterana.

Após me conformar, havia momentos em que eu não tinha como escapar de uma socialização com os meus colegas da turma, e um desses momentos era no trabalho em grupo. Por várias vezes tentei me encaixar em um grupo para fazer os trabalhos acadêmicos. Alguns davam certo, na medida do possível, já outros, não se saíam tão bem quanto o esperado. Porém, me conformei, visto que no curso de Pedagogia em si, os trabalhos em grupo são bastante valorizados. Era como aquele ditado “engole o choro que dói menos”.

Um dia, em um momento de estudo com uma amiga da base de pesquisa, Mariah (um pseudônimo), discutimos e chegamos à conclusão haveriam duas formas de socialização: a socialização convivial-curricular (SCC) e a socialização interpessoal-amigável (SIA). Para Medeiros e Costa (2016)², a SCC tem seu peso maior na vivência acadêmica, nas atividades curriculares. Já a SIA é considerada como uma relação estudante-estudante, levando em consideração as experiências pessoal-grupal entre os amigos e colegas do curso, além da vivência social cotidiana extraclasse.

Nesse sentido, aplicando essa ideia à minha própria experiência de socialização, pude perceber que a minha SIA era praticamente inexistente. O meu grupo atual para a realização de trabalhos sempre saía juntos, nem que fosse para tomar um sorvete. Tinham um grupo em um aplicativo de conversas no qual passavam o dia inteiro conversando, combinando alguma saída ou até mesmo de irem para as casas uns dos outros. Foi então que eu percebi que a minha socialização era restrita apenas à SCC, sendo ela restrita ao ambiente da sala de aula e às atividades curriculares do curso, ou seja, as relações com os pares, na prática, estariam relacionadas apenas aos assuntos acadêmicos, como a produção de trabalhos e a apresentação de seminários.

Diante de tantos motivos que podem afetar o emocional de um estudante, como trabalhos, provas, redes de amizades etc., eu me via em um nível de estresse que estava afetando também a minha vida fora da universidade. De acordo com Rios (2006), para sujeitos mais vulneráveis ao *stress*, as situações afetam o indivíduo segundo o momento e seu estado emocional, tendo um “filtro” que permite excluir, minimizar ou maximizar o efeito estressante. De acordo com essa mesma autora, um dos medidores de *stress* é o ambiente familiar e social.

Como dito anteriormente, o indivíduo tem um “filtro” que permite excluir, minimizar ou maximizar o efeito estressante, porém, eu não conseguia colocar esse filtro em prática.

A pressão do ambiente universitário me fazia, de uma maneira cotidiana e inconsciente, maximizar as situações, me causando muito estresse. Eu colocava provavelmente, para esses momentos acadêmicos, uma expectativa exacerbada e irrealista, pois a ideia que me dominava era a de que não precisava ser boa em apenas uma disciplina, tinha que ser boa em todas. De acordo com Rios (2006, p. 53):

A preocupação com a vida acadêmica leva a episódios que podem gerar o stress - conforme afirmam Baptista et al. (1998) - quando ocorrem variáveis como a mudança e perda de controle de um novo ambiente [...] e a sobrecarga de atividades escolares entre outros. Até o momento em que o indivíduo se sentir capaz de perceber e enfrentar a situação, ele provavelmente sofrerá as ansiedades, medos, incertezas e toda a sintomatologia que leva ao *stress*.

Ao mesmo tempo que eu tinha que lidar com diversas pressões externas, eu ainda tinha que lidar com a minha cobrança interior. E uma forma de amenizar toda essa pressão seriam as relações sociais. Ainda de acordo com Rios (2006), as relações sociais formam um sistema de apoio, proporcionando ao indivíduo controle e domínio em situações difíceis. Mas eu não tinha esse sistema de apoio, e tive que procurar outras formas para poder lidar com meu estresse e ansiedade, e uma delas, foi a terapia. Demorei cinco semestres para iniciar o cuidado do meu emocional, para que assim, aprendesse a lidar melhor com certas situações na universidade.

Como dito em outras falas, a construção de amizades dentro da universidade passou a não ter um peso maior do que o meu desejo de obter um diploma. E, para Paivandi (2014), isso é uma perspectiva de aprendizagem, classificada como *perspectiva de desempenho*. Nessa perspectiva, os estudantes pensam em ter sucesso, aprender coisas em relação à profissão e obter o diploma com uma boa menção. Os estudantes dentro dessa perspectiva concedem uma importância real para os seus estudos e para o sucesso escolar.

Dessa forma, os estudantes tentam obter sobretudo boas notas, buscando compreender melhor as exigências do professor e adequando-se a elas, além de utilizar de todos os meios para melhorar o seu desempenho. Ainda segundo Paivandi (2015, p. 47), os estudantes dessa perspectiva desenvolvem a ideia do sucesso estratégico, que é:

[...] uma figura de desempenho universitário que dá conta da situação de estudantes que desenvolvem uma perspectiva de desempenho e que atingiram seus objetivos (sucesso total com boas notas). Esses estudantes [...] realiza seus percursos de forma eficiente e proclamam as virtudes do sucesso que resultam de suas práticas de estudo.

Para me manter na universidade, tive que traçar estratégias de aprendizagem e não só isso, tive que aprender o ofício de ser estudante, que seria “[...] aprender a se tornar um deles para não ser eliminado ou auto eliminar-se porque se continuou como um estrangeiro nesse mundo novo” (COULON, 2008, p. 31). Mesmo eu não me identificando com meus colegas de turma, eu tive que aprender a lidar com eles, para que assim, eu não abandonasse o curso. Dessa forma, “os estudantes devem tornar-se nativos desta nova cultura universitária, tornarem-se membros dela, pois, para eles, isso é uma questão de sobrevivência (COULON, 2008, p. 43)”.

Ainda sobre as estratégias de aprendizagem, de acordo com os pensamentos desenvolvidos por Entwistle e Peterson (2004), podemos distinguir entre os estudantes três tipos de estratégias de aprendizagem. Na primeira abordagem, a *profunda*, o estudante busca o sentido em padrões e princípios subjacentes, verificando evidências e relacionando-as com conclusões, examinando lógica e criticamente os argumentos, além de procurar relacionar ideias com conhecimentos e experiências anteriores

Já a segunda abordagem, a *superficial*, refere-se ao estudante que reproduz os conteúdos e acaba por memorizar a maior parte do que é estudado em sala de aula, focalizando em resultados mínimos e, conseqüentemente, atribui pouco valor ou sentido às atividades. E a última abordagem, a *estratégica*, refere-se ao estudante que se dedica à autorregulação da aprendizagem, administra-se efetivamente o tempo e os esforços, sempre estando atento à aprendizagem e seu contexto, monitorando assim, suas formas de estudos e sendo responsável por ele mesmo e pelos outros de maneira consistente.

Fazendo uma reflexão acerca da abordagem de aprendizagem que utilizo, acredito que eu posso me classificar em duas: a abordagem profunda e a abordagem estratégica. Acredito que depende bastante do momento acadêmico em que me encontro. Em relação à abordagem profunda, eu sempre procurava me dedicar criticamente ao conteúdo, objetivando compreender o que está sendo trabalhado em sala de aula, mas também, como na abordagem estratégica, eu me dedicava, autorregular e gerenciava o meu tempo e esforço de acordo com as prioridades.

Durante a leitura do referencial teórico para a realização dessa sociobiografia, percebi que muitos autores trazem a socialização como um dos fatores fundamentais para um bom sucesso acadêmico na vida universitária. De acordo com Ferreira (2014, p. 131):

[...] a socialização universitária serve, simultaneamente, como meio de alívio afetivo, pela satisfação emocional e social [...] e como recurso comum e auto gerido para a realização bem-sucedida das tarefas acadêmicas e a compreensão dos conteúdos [...].

Além disso, de acordo com Teixeira et al. (2008), as experiências durante o primeiro ano no ambiente universitário têm uma importância para a permanência no Ensino Superior e para o sucesso acadêmico do estudante. Para os mesmos autores, os estudantes que se integram academicamente e socialmente desde o início do curso têm mais chances do crescimento intelectual e pessoal do que aquelas que passam por dificuldades nessa transição.

Após discutir, nessa abordagem da sociobiografia, sobre como a minha socialização durante o curso poderia ser considerada como um “fracasso”, pelas dificuldades de integração social com meus pares, tive a oportunidade, no meio desse processo, de conhecer Mariah. Por muito tempo, eu vi o grupo de pesquisa como se houvesse uma distinção dos papéis de professor e de estudantes de pós-graduação, por exemplo, apesar de que nenhum membro do grupo se sentia superior. Mas confesso que era mais fácil criar um vínculo maior com alguém que estivesse passando também pela experiência da graduação, como Mariah.

Acredito que, mesmo tendo uma vontade inabalável de conseguir meu diploma, quem me ajudou a querer ainda mais essa conquista foi ela. Nela, encontrei praticamente tudo que eu esperava encontrar na minha turma. O seu jeito acolhedor, atencioso e prestativo me fez ter forças para passar por grandes momentos (bons e ruins) na universidade. No momento em que criamos laços, eu passei a ter mais um motivo para ir à universidade, pois eu sabia que quando chegasse na sala da base de pesquisa, ela estaria lá. Para Silva (2017, p. 87), isso é uma *cordialidade acadêmica*, com a qual:

[...] o estudante experiencia, por meio das trocas com seus pares, a esfera socializadora de caráter afetivo [...] como uma das estratégias de permanência. [...] através da relação com o Outro, uma maneira positiva para sua aprendizagem e afetivamente calorosa de prolongar a sua vivência na universidade.

Além de Mariah, já no final do curso, eu tive a sorte de encontrar pessoas maravilhosas de outros períodos que me fizeram pensar que eu não estava ali à toa. Para Abrantes (2011, p. 125) “[...] a socialização é um processo permanente e nunca concluído, implicando esforços contínuos de atualização”. E foi com esse esforço contínuo que eu consegui fazer amizades, que eu poderia contar sempre que fosse preciso.

Outrossim, trago uma citação de Paivandi (2014, p. 50) que me faz refletir sobre as vantagens, por assim dizer, de se ter uma boa socialização, “toda socialização constitui um fenômeno interacional e um processo de aquisição de saberes que se impõem ao desenvolvimento de trocas e nos laços sociais”. E me faz refletir: por eu ter sido, de certa forma, “privada “de uma boa socialização, será que eu deixei de ter alguns aprendizados, visto que a socialização faz com que haja uma troca de saberes entre os indivíduos? Qual

a diferença entre a minha formação e à formação daquelas pessoas que conseguiram desenvolver mais laços de amizade? Será que essas pessoas puderam questionar mais sobre conteúdo, pôr em xeque suas ideias?

Diante desse relato de experiência vivido no curso de Pedagogia, sobre o meu processo de socialização, fica impossível não pensar: será que o sucesso no processo de socialização é um fator *determinante* e imprescindível para a permanência do jovem no ambiente universitário? Acredito que, determinante seja uma palavra muito forte, uma vez que ela signifique que algo seja decisivo sobre alguém ou alguma coisa. De fato, a socialização é um fator muito importante para a permanência de alguém em qualquer canto, seja na universidade, trabalho e que de fato se, eu tivesse tido um sucesso desde o início do curso, talvez eu tivesse uma trajetória mais tranquila.

Por conseguinte, nesse quadro de quase desistência e de uma socialização tardia, talvez propensa ao abandono e baixo desempenho; mas, ao contrário tendo tido perseverança, produtiva na formação profissional e decisiva na minha autoconfiança pessoal e autoestima acadêmica, com a finalização consistente do curso de pedagogia, há uma pergunta que eu ainda não sei responder: *por que eu fui representante de uma minoria no meio universitário?* Será que o apoio familiar e de amigos externos à universidade teve algo com isso, ou será que minha vontade de conquistar um diploma era maior do que qualquer outra coisa? Ou será uma junção dos dois fatores?

Assim, poderia ensaiar uma interpretação para o meu percurso acadêmico bem-sucedido, apesar das dificuldades com a socialização com os colegas, como fruto da minha própria representação pessoal e simbólica inabalável da importância do diploma do curso de pedagogia; associado a essa valorização do curso, também acabei descobrindo e desenvolvendo um processo de socialização mais individualizado, isto é, menos grupal, porém intenso e extremamente significativo, através da figura de uma pessoa que se configurou como um “outro significativo” crucial para a minha evolução pessoal e acadêmica.

Ao longo da elaboração desse relato sociobiográfico pude refletir sobre a minha formação, além de refletir sobre o *meu Eu*. Mesmo que eu não tenha tido muitas oportunidades de trocas com meus pares, eu sinto que a minha formação foi completa, apesar disso, com um grande crescimento pessoal e profissional.

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, após uma análise sobre os meus próprios momentos de socialização no curso de Pedagogia e a exposição sobre as estratégias e razões que me motivaram a continuar, acredito que com essa sociobiografia eu pude me conhecer melhor, tanto de uma forma emocional quanto de uma forma acadêmica. Além disso, acredito que o presente trabalho pode contribuir significativamente para os estudos da vida cotidiana estudantil no Ensino Superior. Procurar entender a vida cotidiana dos estudantes faz-se necessário, visto

que, muitas vezes, a falta de entendimento sobre o assunto atinge outras esferas, de modo geral, na Universidade. Por exemplo, quando planejamos uma aula e não levamos em consideração a subjetividade dos estudantes, muitas vezes cometemos equívocos, o que acaba atingindo não só um aluno, mas a sala toda.

A partir das leituras, pude perceber e refletir sobre o meu processo de socialização por uma visão mais crítica. Acontecimentos que passei que, para mim, na época não faziam sentido, hoje vejo que foram de fundamental importância, como as rupturas simultâneas do Ensino Médio para o Ensino Superior que, de uma forma inevitável, aconteceram; as formas de estratégia de aprendizagem que, hoje sei são estratégias, pois na época eram apenas ações sem um cunho reflexivo; ou até mesmo as formas de socialização SCC e SIA que me fizeram perceber que, mesmo eu não tendo uma socialização para além dos muros da Universidade, eu tive uma socialização, porém, não determinante para a minha permanência no Ensino Superior.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, Pedro. **Para uma teoria da socialização**. Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol. XXI, 2011, pág. 121-139.

BERGER, Peter L. LUCKMANN, Thomas. A sociedade como realidade. In: **A construção social da realidade tratado de sociologia do conhecimento**. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis, Editora Vozes, 1985.

CORSARO, William.; MOLINARI, Luisa. **Compagni**: understanding children's transition from preschool to elementary school. New York: Teacher College Press, 2005.

COULON, Alain. **A condição de estudante**: a entrada na vida universitária. Tradução de: Georgina Gonçalves dos Santos, Sônia Maria Rocha Sampaio. Salvador: EDUFBA, 2008.

ENTWISTLE, Noel; PETERSON, Elizabeth. **Conceptions of learning and knowledge in higher education**: relationships with study behavior and influences of learning environments. International Journal of Educational Research, Contemporary Research Center, Adelaide (Austrália), n. 41, p. 407-428, (mensal) Mars, 2004.

FERREIRA, Adir Luiz. **Entre flores e muros**: narrativas e vivências escolares. Porto Alegre: Sulina., 2006.

FERREIRA, Adir Luiz. **Havia uma sociologia no meio da escola**. Natal [RN]: EDUFRN - Editora da UFRN, 2004.

FERREIRA, Adir Luiz. Socialização na universidade: quando apenas estudar não é o suficiente. **Educação em Questão**, Natal, v. 48, n. 34, jan./abr., 2014

MATOS, Elizete Lúcia Moreira. **Escolarização hospitalar**: educação e saúde de mãos dadas para humanizar. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MEAD, George Herbert. **Mind, Self and Society**, from the standpoint of a social behaviorist. Chicago: University of Chicago Press, 1992. (1st Ed. 1934)

MEDEIROS, Marília do Vale Góis Pacheco; FERREIRA, Adir Luiz; COSTA, Jennifer Juliana Barreto Bezerra. **A socialização universitária e suas faces**: um olhar mais próximo de uma estudante e suas (dés)motivações. XXVII Congresso de Iniciação Científica e Tecnológica – CIC UFRN. Natal, 2016. Disponível em: <<http://cic.propesq.ufrn.br/trabalhos.php##resultado>> Acesso em: 03/05/2018.

PAIVANDI, Saeed. A relação com o aprender na universidade e o ambiente de estudos. **Educação em Questão**, Natal, v. 48, n. 34, p. 39-64, jan./abr., 2014.

PAIVANDI, Saeed. Que significa o desempenho acadêmico dos estudantes? In: **Observatório da vida estudantil**: avaliação e qualidade no ensino superior: formar como e para que mundo? - Salvador: EDUFBA, 2015. 23-59p.

RIOS, Olga de Fátima Leite. **Níveis de stress e depressão em estudantes universitários**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP. São Paulo, 2006.

SILVA, Edilene Dayse Araújo da. **Quando desistir não é uma opção**: socialização e estratégias de permanência de estudantes populares da UFRN. Natal: UFRN, 2017.

SOBREVIVÊNCIA, In: PORTUGUESA, **Michaelis Moderno Dicionário da Língua**. Disponível em <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/sobreviv%C3%A2ncia/>>

TEIXEIRA, Marcos Antônio Pereira et al. Adaptação à universidade em jovens calouros. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRABEE)**, Uberlândia, v. 12, n. 1, Janeiro/Junho, 2008

TURNER, Jonathan H. **Sociologia, conceitos e aplicações**. São Paulo: Makron Books, 1999.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Análise SWOT 108, 124, 125, 126, 129, 130, 132

Assimetria da informação 155, 156, 157, 159, 161

Avaliação 11, 12, 13, 14, 18, 19, 25, 32, 49, 64, 71, 75, 79, 82, 96, 104, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 131, 132, 157, 158, 159, 166, 170, 178

C

Capacitação de Recursos Humanos em Saúde 95

Comércio varejista 140, 145, 146, 153

Consenso de Washington 12, 164, 165, 168, 170, 171

Consultoria 12, 92, 155, 156, 159, 160, 161, 162

D

Deficiência intelectual 86, 87, 88, 89, 90, 92, 93, 94

Desafios 15, 20, 24, 28, 31, 41, 42, 45, 48, 50, 54, 56, 57, 72, 73, 80, 83, 88, 95, 101, 107, 122, 131

Desenvolvimento econômico 115, 131, 164

E

Economia solidária 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26

Educação a distância 1, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 85

Educação de Jovens e Adultos 27, 28, 29, 30, 31, 33, 38, 39, 88, 91

Educação Especial 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93

Educação Permanente em Saúde 95, 96, 98, 100, 104

Educação Popular 14, 20, 24

Educação Profissional e Tecnológica 2, 3, 8, 9, 13, 33, 42, 86, 87, 88, 93, 94, 136

Educação Superior 3, 5, 7, 81, 84, 96, 114, 116, 117, 118, 120, 122, 123

Ensino 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 12, 13, 16, 17, 19, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 35, 36, 37, 38, 39, 47, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 91, 92, 93, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 106, 107, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 127, 128, 129, 130, 134, 135, 136, 137, 138, 154, 180

Ensino Médio Integrado 27, 36, 38, 39, 136, 137

Ensino Superior 2, 3, 19, 37, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 68, 69, 70, 71, 82, 95, 96, 98, 99, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 120, 121, 122, 123, 134

Especialização 1, 3, 8, 24, 42, 81

F

Formação Docente 1, 3, 4, 5, 6, 8

Formação Profissional 27, 28, 31, 32, 69, 87, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103

G

Globalização 102, 106, 142, 164, 166, 167

I

Incubação 14, 15, 16, 17, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 25

Interdisciplinaridade da Filosofia 136

Internet 18, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 76, 124, 128

L

Legislação 1, 2, 4, 5, 8, 9, 10, 72, 83, 118, 122

M

Mercado 20, 27, 29, 31, 36, 37, 39, 44, 87, 88, 103, 106, 107, 111, 112, 116, 122, 124, 125, 126, 127, 129, 130, 131, 133, 139, 140, 141, 143, 150, 156, 157, 159, 163, 165, 166, 168, 173, 175

Metodologias ativas 106, 108, 109, 110, 112, 113, 124, 125, 128, 129, 130, 132, 133, 134, 135

P

Patentes 140, 141, 143, 144, 149, 150, 151, 152, 153, 154

Pensamento Crítico Reflexivo 136, 137

Políticas públicas 14, 17, 18, 19, 24, 25, 28, 29, 76, 90, 91, 95, 99, 103, 116, 118

Precarização do Trabalho 12, 164, 165, 169, 170

PROEJA 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 36, 38, 39

Profissionais de saúde 95, 99, 102, 173, 174, 176, 177, 178

Protagonismo juvenil 136, 137

Q

Qualidade da informação 155, 160

Qualidade de vida 27, 29, 100, 101, 174, 175, 176, 178, 179

S

Saúde 44, 70, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 121, 168, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179

Serviços 41, 42, 43, 44, 45, 48, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 79, 92, 95, 97, 98, 104, 131, 140,

142, 154, 156, 160, 161, 167, 174, 175, 177

Síndrome de burnout 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179

Socialização universitária 59, 67, 71

Sociobiografia 59, 61, 67, 68, 69

Sono 173, 174, 175, 176, 178

Sustentabilidade 14, 21, 24, 180

T

Tecnologias 19, 72, 74, 75, 76, 80, 81, 102, 106, 127, 128, 130, 141

Terapia intensiva 174, 176, 177, 178, 179





Trajetória institucional 14

U

Ultraliberalismo 164, 166, 167



Universidade 14, 15, 17, 18, 19, 27, 40, 42, 44, 59, 60, 61, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 85, 86, 92, 95, 114, 115, 116, 120, 122, 139, 152, 154, 164, 167, 173, 179, 180

Atena
Editora
Ano 2020

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

***Educação
Profissional e
Tecnológica:
Empreendedorismo
e Desenvolvimento Científico***

Atena
Editora
Ano 2020

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 @atenaeditora
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

***Educação
Profissional e
Tecnológica:
Empreendedorismo
e Desenvolvimento Científico***